

volume

19

Dezembro/2013

ISSN 1516-2095
ICH - UFPel

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



A EVOLUÇÃO DA TINTA: O DIÁRIO POPULAR DE PELOTAS NOS ANOS 1920

Rosendo Caetano¹

Resumo: Nosso trabalho analisa o perfil das direções do jornal Diário Popular durante a década de 1920. O Diário Popular de Pelotas foi fundado na última década do século XIX, sendo comprado pelo Partido Republicano Rio-grandense (PRR) e feito órgão oficial do governo até a década de 1930. Neste período, a imprensa gaúcha passou por algumas fases de desenvolvimento até chegar ao modelo que tradicionalmente a identificamos. Entre as décadas de 1910 e 1920, a imprensa era uma extensão do partido e, não raro, era vista como o próprio partido - um meio de difusão ideológica, política, que produzia matérias opinativas sobre questões públicas. A mudança para um novo perfil, que se afasta da política partidária e tende ao jornalismo comercial, de cunho informativo, começa a ser percebida somente após o início dos anos 1930 e, em Pelotas, um pouco mais tarde do que no restante do Estado. O Diário Popular, neste sentido, não fugiu à regra. Entre 1923 e 1929, foi porta-voz do PRR e grande defensor da idéias republicanas, colaborando na campanha de Vargas a Presidência do Estado e posteriormente no golpe de 1930. O novo perfil somente seria percebido após 1930, quando se tornou um jornal mais independente ideologicamente, voltando sua atenção para os eventos ao redor do mundo e deixando de lado os temas puramente regionais.

Palavras-chave: História Contemporânea, História da imprensa, Diário Popular de Pelotas

O texto clássico de Maria Helena Capelato e Maria Lígia Prado (CAPELATO; PRADO, 1980) salientava, no limiar dos anos 1980, que a imprensa como fonte tinha tido pouca importância até então, servindo apenas como uma “confirmação” para os fatos históricos. A perspectiva de mudança que era proposta por sua geração vinha dar à fonte jornalística um caráter “único” quando via o jornal como um veículo de discussão política, como um órgão fiscalizador e por isso regulador do sistema político. Trinta anos depois, essa premissa continua verdadeira e motiva novas produções tendo como fonte a imprensa.

O Diário Popular de Pelotas, que circula até os dias de hoje, surgiu em fins do século XIX e era um “jornal” no sentido clássico do termo: periódico diário, circulava de domingo a domingo, encadernado em papel, com seis a oito páginas por edição. Igualava-se neste formato com os demais congêneres, como aponta Tânia de Luca (LUCA, 2006) para o caso dos jornais de São Paulo. A data de sua fundação remonta ao ano de 1890, quando surgira propondo-se a ser um jornal “independente”. Contudo, logo nos primeiros meses de circulação, foi vendido ao Partido Republicano Rio-grandense (PRR), como assinala Beatriz Loner (LONER, 1988) e desta forma, como órgão do PRR, tornou-se veículo oficial do da governança já em seu primeiro ano. Nesta condição permaneceu até o início dos anos 1930, quando perdeu o posto para O Liberal, marcando aproximadamente 40 anos de ligação partidária

¹Universidade Federal de Pelotas, Mestrando em História.

oficialmente declarada, definindo seu perfil inicial e tornando-se especialmente interessante para aqueles que buscam na imprensa escrita de Pelotas algumas definições da ideologia republicana e suas relações com as demais.

Marcadamente nos anos 1920, o Diário Popular inicialmente apoiou a Revolução de 30, mas logo retirou seu apoio. Da mesma forma, promoveu a perseguição aos comunistas e aos órgãos ligados ao comunismo e teve ao longo deste período uma relação de aproximação e afastamento com o fascismo e o nazismo. O Fascismo, entendido como uma ideologia política pertencente ao século XX, surgida no entreguerras entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, encontra palco privilegiado na imprensa desta década da qual o Diário Popular foi, por sua vez, ator privilegiado na região por carregar em suas páginas a chancela ideológica da política do partido dominante. Assim como no resto do mundo em que pode manifestar-se politicamente, o fascismo foi alvo de definições e interpretações produzidas pelo Diário Popular que, embora não seja foco deste texto, motivou sua elaboração.

Como salienta Cláudio Elmir, “o jornal jamais pode ser visto como um dado, a partir do qual abstraímos os elementos de uma suposta realidade (...) devemos fazer uma ‘leitura intensiva’ destes jornais e não ‘uma leitura extensiva’” (ELMIR, 1995). O Diário Popular dos anos 1920 e 1930 possui uma riqueza de certa forma relegada a segundo plano na produção recente da historiografia sobre a região de Pelotas destes períodos no que diz respeito a uma história política do próprio PRR. Apesar de ser fonte de reportagens utilizadas em diversos trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutoramento, a natureza de seus posicionamentos políticos gera uma lacuna que até agora não foi preenchida. Esta lacuna também produz interpretações divergentes sobre seu papel ao lado do PRR e de Borges de Medeiros. No que diz respeito a sua utilização como fonte para a história cultural, sua ligação com a política dominante e sua postura governista e elitista revelam um lado que merece, ainda hoje, novas abordagens e que é capaz de produzir novos conhecimentos quando apropriadamente interpretados. O grande desafio, inerente a outras fontes jornalísticas e que enfrenta também o pesquisador que se debruça sobre as páginas do Diário Popular está no que tange a identificação da autoria dos textos publicados. Em geral, não há como identificar quem os produz ou os reproduz. Aqueles transcritos (ou presumidamente transcritos) destacam-se especialmente no caso dos telegramas, geralmente distribuídos por agências de notícias, como se sabe, mas não identificadas. Diferentemente do Correio do Povo, de forma semelhante pesquisado por Gerson Fraga (FRAGA, 2004), o Diário Popular não informa a fonte quando utiliza os textos das agências de notícias, embora o contraste entre as entradas seja bastante perceptível, sendo-nos possível somente propor hipóteses de fonte.

O Fascismo, especificamente como um fenômeno de caráter estrangeiro, relacionou-se no Diário Popular com as notícias internacionais. Embora a partir de 1925/26 o jornal tenha abandonado a seção “O mundo pelo Telegrapho” unificada e a tenha transformado em entradas de telégrafo sem delimitações e distribuídas pelas demais páginas, são através destas chamadas que a grande maioria dos indícios e comentários passam a figurar no periódico.

Nos anos entre a Revolução Federalista de 1923 e a tomada do poder por Getúlio Vargas, e principalmente à partir da direção de Sallis Goulart, o interesse internacional tomou fôlego, crescendo o número de chamadas e espaço dedicados aos telégrafos e republicações sobre o tema. À medida que o PRR perdia espaço político no Estado e cedia lugar as pressões da política nacional, consideravelmente após a tomada de poder varguista, os temas europeus passam a preencher as lacunas deixadas pela ausência de discussão política local. Em 1933, principalmente após a Chancelaria de Hitler, o Diário Popular dedica todas suas páginas principais ao noticiário internacional/nacional.

As pequenas chamadas do telégrafo que em 1923 entravam na segunda ou terceira páginas e em espaço relativamente diminuto, uma década depois figuram como destaques de capa. Esta mudança trouxe também (acrescentou) uma mudança de perfil que não tange apenas ao foco do periódico, mas a sua forma de opinar. Como dito anteriormente, por não possuir o telégrafo do jornal a citação a fonte (agência) de origem das notícias, as pequenas chamadas passam a ser entendidas como a própria opinião do jornal, já que ele não faz questão de autorá-las. Contudo, o Diário Popular apresentava editoriais assinados pelos seus Diretores em locais e formatos específicos. Desta forma, nos meados dos anos 1930, a “opinião” do jornal passa a estar contida na maneira como são escolhidas e apresentadas as notas publicadas.

Conforme salienta Rüdiger (RÜDIGER, 1998), a imprensa gaúcha passou por algumas fases de desenvolvimento até chegar ao modelo que tradicionalmente a identificamos. Entre as décadas de 1910 e 1920, a imprensa era uma extensão do partido e, não raro, era vista como o próprio partido, no sentido defendido por Gramsci - um meio de difusão ideológica, política, que produzia matérias opinativas sobre questões públicas. A mudança para um novo perfil, que se afasta da política partidária e tende ao jornalismo comercial, de cunho informativo, começa a ser percebida somente após o início dos anos 1930 e, em Pelotas, de maneira muito sutil a partir deste período.

O Diário Popular entre os anos de 1923 e 1930, embora publicasse uma ampla variedade de textos e reproduções, dedicava sua grande atenção às questões próprias do PRR, tanto em âmbito Estadual como Municipal. Em concordância com Rüdiger, funcionava como um instrumento de panfletagem,

divulgando a nomenclatura do PRR, cultuando seus líderes, atacando adversários, promovendo a “ideologia” política republicana. Há grande destaque dado aos nomes públicos da governança municipal e aos dirigentes do partido, especialmente para a família Osório, a Py Crespo, então intendente, e a Ildenfonso Simões Lopes, deputado federal. Esses e outros destacam-se no jornal tanto por seu envolvimento com o periódico como também por estarem à frente da política da cidade e igualmente do PRR de Pelotas. As fotos de Pedro Osório e de Simões Lopes eram constantemente reproduzidas nas capas do jornal, ao lado das imagens de Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos, principalmente nas datas estaduais e nacionais ou claramente em épocas eleitorais, juntando-se a elas a imagem de Getúlio Vargas posteriormente. Assis Brasil, que era opositor do Partido Federalista, também possui papel de destaque, contudo do “outro lado”. O Diário Popular passa metade destes anos a criticá-lo e politicamente desautorizá-lo, somente mudando sua posição após o apoio dado a Getúlio Vargas na campanha liberal nas eleições presidenciais do Estado de 1927, que voltaremos a comentar adiante.

O Diário Popular da década de 1920 geralmente dedicava sua primeira página aos fatos políticos de interesse do PRR, diferindo o conteúdo publicado apenas por modificações de enfoque, conforme a orientação da direção do jornal. Contudo, o Diário Popular, à semelhança de outras folhas da cidade e do estado, também publicava textos de caráter informativo, propagandas e notificações oficiais. Tinha seções dedicadas a assuntos locais (que não eram necessariamente políticos), principalmente entre os anos de 1924 e 1925 (período marcado pela saída de Antônio Vergara da Direção do jornal e pela entrada de Major Pennafiel), textos de terceiros, geralmente sem autoria declarada (por vezes “transcritos” de outros periódicos do estado ou do país), propagandas diversas do comércio pelotense (destacando-se o setor varejista e de confecções) e “notícias internacionais”, vindas pelo telégrafo ou “transcritas”, novamente, de outras fontes. Era prática comum do Diário Popular republicar artigos e textos de outros jornais. Parece-nos provável que também fizesse o mesmo quanto as notícias do telégrafo, que era, no período, o instrumento mais importante para este tipo de publicação. A seção “Telegrammas” sofreu diversas variações, tanto de formato quanto mesmo de nome, mas esteve presente em todos os anos pesquisados.

O Diário Popular circulava de segunda a sábado com um total de seis páginas e aos domingos e feriados uma composição de oito páginas. Como salienta Loner, “favorecido por ser o órgão oficial, será o primeiro a abandonar o pequeno número de 4 páginas, insuficientes para acomodar todas as notícias e especialmente avisos, editais e outros tipos de publicações” (LONER, 1988). Como se pode deduzir, a composição em seis páginas apesar de configurar um conjunto par de páginas, não é múltiplo de quatro, perfil ideal para a composição de impressos que requerem dobra perpendicular e montagem ao

estilo de livreto. Isto presumivelmente requeria, além das impressoras de tipo e de uma prensa de dobra, ao menos uma prensa de corte capaz de realizar um corte adicional – as duas páginas centrais, de número três e quatro requeriam este corte adicional à metade do tamanho do conjunto de duas páginas das páginas dois e cinco, que eram brochuradas. Esta composição do jornal parece ter perdurado durante todo os anos da década de 1920, sendo alterada somente a partir de 1933, quando o Diário Popular adquiriu novo maquinário e adicionou mais duas páginas a composição semanal e assim constituiu um folhete ideal.

A primeira página, como dito, geralmente era dedicada aos assuntos políticos, tanto regionais como nacionais. Especialmente entre 1923 e 1925, este perfil não é praticamente alterado. As alterações se verificam com mais frequência no tangente a organização das colunas e textos, quando mudavam-se seções de uma página para outra em função de sua relevância para a publicação do dia. Desta forma, as páginas dois e três, que geralmente recebiam as seções variadas e a seção “O mundo pelo Telegrapho” poderiam ser alteradas, passando “O mundo pelo Telegrapho” para a primeira página quando uma notícia “internacional” recebia destaque ou vice-versa, quando um tema regional era extenso o suficiente para receber também destaque no interior do periódico – e, por diversas vezes, a supressão da seção “O mundo pelo Telegrapho” ou sua publicação mínima na última página, quando não haviam informativos do telégrafo ou eram poucos que valessem a publicação.

A partir de 1925, o Diário Popular tornou-se mais “dinâmico” quanto a sua organização interna de páginas. As seções perderam suas caracterizações e limitações e o jornal passou a contar com uma grande multiplicidade de formatos. Por vezes os editoriais se estendiam em outras páginas, as notícias internacionais se distribuíam conforme a relevância (aparecendo em qualquer das seis páginas ou não aparecendo em nenhuma), uma seção específica sobre a cidade foi criada e extinta entre 1925 e 1927, assim como as propagandas automobilísticas tomam grande parte do jornal nos anos anteriores a Grande Depressão e logo desaparecem (o jornal chega a ter mesmo um suplemento semanal sobre automobilismo). O que fica evidente, contudo, nos conjunto consultado entre 1923 e 1930, é que a dinâmica fazia parte da composição gráfica do Diário Popular, propiciado provavelmente pelo maquinário que dispunha na época em comparação com outros jornais da cidade (que em comparação apresentam uma notável precariedade gráfica). Foi raro durante o período pesquisado encontrar grafias de imagem nas capas, fotos ou desenhos, destacando-se este tipo de arte nas seções de propaganda, geralmente entre a quarta e quinta páginas – o que nos leva a supor que as grafias eram adquiridas ou fornecidas pelos próprios interessados e não produzidas pelo jornal – e as que figuravam nas primeiras páginas eram geralmente retratos fotográficos de personalidades políticas (Pedro Osório, entre as personalidades, figura como o grande campeão de aparições, tendo sua foto reproduzida quase em todo

artigo que versasse sobre ele). Assim, o Diário Popular não é uma boa fonte para quem procura os “olhos da história” (MAUAD, 2006). Assim como assinala Marçal Andrade (ANDRADE, 2005), “a fotografia demorou a se integrar satisfatoriamente ao mundo das imagens impressas” e, em grande medida, o diário o fez por falta de investimentos, já que conseguia reproduzir as técnicas de fotografia de modo satisfatório.

O modelo de caracteres utilizados variou consideravelmente, com mais destaque para o período entre 1927 e meados dos anos 1930 quanto a legibilidade e clareza gráfica. O Diário Popular não foge aos modelos já conhecidos, apresentando destaques em fontes grandes e em negrito em relação ao corpo de texto, assim como variando o tamanho da fonte em textos que mereciam mais destaque com uma fonte maior e agradável de leitura e fontes menores para textos com menos importância. Não encontramos analogia, pelo menos quanto a apresentação gráfica, a uma apresentação “sensacionalista” como definida por Danilo Sobrinho (SOBRINHO, 1995), embora não seja, neste momento, foco de análise o conteúdo textual, apenas o gráfico. Contudo, o uso das “megafontes”, desproporcionais ao tamanho dos textos escritos, muitas vezes, não deixa de denotar uma ênfase em atrair o olho do leitor para aquela seção, mesmo que esta seja ínfima. Este artifício terá grande uso a partir dos anos 1930, principalmente quanto a temas internacionais ou nacionais de comoção política e humana.

No geral, estas pequenas ou grandes alterações rotineiras no jornal estiveram relacionadas com a figura de seus Diretores/Editores quando entendemos que imprimiam ao jornal um pouco de suas próprias personalidades. Neste sentido, as mudanças de âmbito geral são mais notáveis do que as demais. O Diário Popular passou por quatro diretorias até o início dos anos 1930, todas elas trazendo perfis diferenciados quanto ao tratamento dado aos posicionamentos do jornal. Como já salientado, não havendo opinião expressa em editoriais ou textos de terceiros, baseamo-nos na frequência de encontros destes indícios e no posicionamento/localização/destaque/relevância dados a eles para a elaboração de uma conceituação sobre aproximações e afastamentos de determinado tema.

Em 1923, Pedro Vergara era o diretor. Pouco se conhece sobre sua personalidade e suas atividades fora do jornal, a não ser que, como todos os demais diretores, era membro do PRR de Pelotas e incumbido de orientar a ideologia do jornal. O ano de 1923, em relação ao noticiário internacional, foi movimentado e chamou a atenção sobremaneira a Alemanha e as revoltas e greves do Ruhr e, não obstante, também o Putsch da Cervejaria de Munique (primeira vez que um desconhecido “Sintler”, depois Hitler, “fascista bávaro” do “fascismo alemão” foi citado no jornal). O período sob a direção de Paulo

Vergara não nos permite uma melhor caracterização em comparação com um possível antecessor, por não o termos averiguado, mas é o ponto de partida para os posteriores. Sua saída, em fins de setembro de 1923 não teve maiores esclarecimentos, embora o jornal lhe dedicasse, no dia 27 daquele mês, um artigo de capa, incluindo foto - a notícia da saída de Pedro Vergara foi publicada em 26 de novembro, através de pequena nota. No dia posterior, 27, o jornal julgou necessário tornar o fato mais notório e publicou um artigo sobre Pedro Vergara, marcando igualmente a chegada da nova Direção pelo Major Pennafiel.

Major Pennafiel surgiu então como um desconhecido até mesmo para os leitores do jornal em sua época, tendo em vista que somente e em razão de sua morte o Diário Popular publicará alguns dados sobre sua própria personalidade – o que por um lado nos leva a presumir que, contrariamente ao registro escrito no jornal, deveria ser figura pública bastante conhecida para que dispensasse qualquer apresentação. Contudo, Pennafiel imprimiu um padrão diferenciado ao periódico em relação ao modelo anterior de Pedro Vergara que se tornou evidente logo as primeiras semanas de circulação. Sob a direção de Pennafiel, o Diário Popular deu mais destaque a vida cidadina, chegando a possuir, entre 1924 e 1926, uma seção dedicada exclusivamente a vida de Pelotas, embora tenha esta seção, algumas vezes, comportado-se como simples *fait-divers*. No geral, tratava sobre temas cotidianos com um fundo “chamativo”, como encontros de transeuntes com figuras peculiares, ou sobre “vagabundos” que faleciam e deixavam “saudades”, viajantes que passavam pela cidade em raids de carro, indo de um ponto do estado a outro, ou sobre as colheitas, como a noticiada em maio de 1926, em que o jornal publicou um longo texto que incluía foto sobre a colheita do arroz realizada nas terras do Coronel Pedro Osório, saudando a empreitada feita por um grupo de oito mulheres negras, esposa e filhas de um ex-escravo, que colheram diversos hectares de terra e, por isso, receberam grande recompensa em dinheiro de seu “bem-feitor”. No geral, tratavam de acidentes de carro, desastres de bonde, roubos, prisões, mortes e “casos” inusitados que ocorriam pela cidade – com um certo grau de detalhamento peculiar. “Nossa reportagem” era a fonte da grande maioria destas pequenas notícias. Em 1926, a seção começa a declinar e então desaparece, sem nenhuma explicação, não sendo reinserida posteriormente por Sallis Goulart, que sucedera Pennafiel na direção. Major Pennafiel, igualmente, remodelou a seção dos *Telegráfos*, espalhando-a pelo jornal, antes concentrada em uma seção específica, “O mundo pelo *Telegrapho*”. Com isto, o telégrafo (internacional, nacional, regional) ficou distribuído tantos nas primeiras quanto nas demais páginas, por vezes misturando o internacional com o nacional e vice-versa. O modelo de Pennafiel foi mantido por Sallis Goulart nos anos seguintes e somente foi alterado por Joaquim Osório, a partir de 1933, quando se tornou assunto de capa rotineiramente.

Com o falecimento de Pennafiel em 1926, o jornal foi dirigido interinamente pelo secretário-geral, Ildefonso Carvalho - que o faria novamente em 1932, com a saída de Sallis Goulart. Ildefonso Carvalho, permaneceu no Diário Popular entre 1925 e o restante do período analisado e parece-nos não haver dúvida de que era figura tão importante quanto o próprio Diretor, por vezes fazendo seu papel quando este saía em viagem ou afastava-se da direção. Contudo, nenhuma palavra sobre sua pessoa ou suas tarefas foram publicadas no jornal, o que o torna um vulto desconhecido nos dias atuais. Da mesma forma, parece-nos que, contudo, suas atribuições eram de conhecimento do público do leitor à maneira que Pennafiel o era. Quais as especificidades de sua função e quais relações que teve com o próprio jornal (quanto a sua organização, linha editorial, propagandas, correspondências, etc), contudo, pouco sabemos. Por ter permanecido na folha durante tantos anos, pode-se especular que era pessoa de confiança dos diretores indicados pelo PRR e um dos grandes conhecedores da folha, tanto que permaneceu no Diário Popular mesmo após este ter sido desvinculado do partido.

Em janeiro de 1927, Sallis Goulart foi apresentado como novo Diretor, assim como novo chefe eleito do PRR em Pelotas. Sua entrada na direção do PRR dá ensejo as especulações acerca do partido que, na época, passava por uma “crise de identidade”, seguindo a orientação do partido, ora seguindo a orientação de líderes divergente. A demora na delegação da função de Diretor do jornal e os posteriores desenvolvimentos nas publicações evidenciam que foi uma época de reestruturação do jornal como órgão do Partido².

Sob a direção de Sallis Goulart, o Diário Popular tornou-se mais noticioso do que político. O cenário de polêmicas estava em “baixa” e deixava os “polemistas” ociosos. Estava em pleno andamento a campanha a presidência do Estado que era liderada por Getúlio Vargas. Regionalmente, a situação política da cidade, que era gerida pelo próprio PRR, não despertava grandes interesses, destacando-se apenas as entradas que falavam de ações da Intendência e os relatórios gerenciais, publicados anualmente. Ganhou destaque, contudo, os editoriais publicados pela Direção do jornal e o princípio de assinalar aos textos as suas devidas autorias, pelo menos no tangente aos textos opinativos. Os editoriais de Sallis Goulart, além da inscrição de seu nome como autor, receberam um tratamento gráfico adequado, separando-os do restante do jornal através de bordas chanfradas e

² Com a vitória republicana na Revolução de 1923 e o achincalhamento da oposição durante os anos seguintes, principalmente de Assis Brasil e do Partido Federalista, os adversários do jornal entre 1923 e 1927 tornaram-se praticamente inativos, o que levou o jornal a diminuir o espaço dado a crítica política. Somado a isto, a própria Intendência, que foi legada ao PRR, sofria mais por seus próprios erros do que da oposição.

dando a assinatura do editor um estilo caligráfico. Sallis Goulart encontra, em nossa opinião, um papel destacado quanto às suas manifestações opinativas. Apresenta-se como um humanista e na grande maioria de seus textos trata de temas de jurisprudência relacionados ao campo político da cidade. Foi sob a sua direção que o Diário Popular atravessou a grande campanha anticomunista promovida nacionalmente pelo governo federal e, através de suas palavras e opiniões, o jornal elabora um posicionamento sobre o comunismo. O argumento de Sallis Goulart basicamente afirmava que o comunismo, assim como o fascismo, não teria chances de desenvolvimento no Brasil porque, de fato, o brasileiro era individualista demais para que se comprometesse com ideologias que pegassem o coletivo acima de tudo.

Por outro lado, foi sob a direção de Sallis Goulart que o Diário Popular enfrentou também sua maior crise “ideológica” quando se posicionou contrário a Getúlio Vargas em diversos momentos. A crise de compatibilidade política levou a sua desvinculação como órgão oficial em 1930 e a suspensão em 1932, quando Sallis Goulart deixou a direção em nome de Joaquim Luiz Osório. Esta “crise” esteve relacionada a diversos fatores em que o posicionamento do jornal sofreu com a própria situação do PRR gaúcho com a subida do nome de Getúlio Vargas nos quadros internos. O Diário Popular intrinsecamente apoiara o governo instituído de Borges de Medeiros, sendo feroz combatente do federalismo e dos federalistas durante a Revolução de 1923. Seus líderes e principalmente Assis Brasil foram perseguidos e achincalhados pelos anos que se seguiram até a união em torno do nome de Getúlio Vargas, que viria a substituir Borges de Medeiros na presidência do Estado. Desta forma, quando Assis Brasil apoiou a indicação de Getúlio Vargas, o Diário Popular teve de dar “meia-volta” e apoiar os federalistas e, desta forma, os “gênios do assisismo”, agora na plataforma comum, foram saudados em 1927 como confrades, ironicamente para a recente história do diário.

Posteriormente, com a eleição presidencial de 1930, enfrentou outro revés ideológico, este de consequências mais sérias e que não avaliamos suficientemente até o momento. O fato foi de ter apoiado Borges de Medeiros, publicando as manifestações do líder quando este, para a grande surpresa do próprio PRR, reconheceu a vitória de Júlio Prestes na eleição presidencial, mesmo diante das queixas da Aliança Liberal de Vargas quanto as fraudes eleitorais em todo o território nacional. Apesar de ambos os lados houverem cometido delitos na contagem dos votos e nas inscrições dos eleitores aptos, a posição de Borges de Medeiros colocou em risco a posição do PRR na eventual vitória de Getúlio, o que de fato aconteceu, posteriormente, pela via revolucionária. Com a Revolução de 30, o Governo Provisório suprimiu as garantias constitucionais e indicou interventores aos Estados, todos eles distantes do centro político borgista dentro do PRR. Assim, por tabela, o Diário Popular registrou o declínio do poder de seus antigos apoiadores e

apoiados, que se colocaram erroneamente ao lado de Borges de Medeiros no momento decisivo da política nacional ao final dos anos 1920. Com o desligamento do PRR, que aconteceria, contudo, por outros motivos, e os novos tempos da República, o jornal se “desvincularia” da política oficial a partir da década de 1930, tornando-se “comercial”. Sua relação, contudo, com as ideologias políticas, teve outro caminho.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Marçal Ferreira de. Do gráfico ao foto-gráfico: a presença da fotografia nos impressos. In: CARDOSO, Rafael (org). **O design brasileiro antes do design:** aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p.60-93.

CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lígia. **O bravo matutino:** imprensa e ideologia no jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. **Cadernos do PPG em História da UFRGS.** Vol. 13, Porto Alegre: UFRGS, 1995, p.19-29.

FRAGA, Gerson Wasen. **Branco e Vermelho:** a Guerra Civil Espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939). (Dissertação de Mestrado). Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

LONER, Beatriz Ana. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. **Ecos Revista**, n. 2. Pelotas: UCPEL, 1988, p. 11-12.

LUCA, Tânia. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2006, p.111-153.

MAUAD, Ana Maria. O olho da história: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. BASTOS, Lúcia Maria. MOREL, Marcos. FERREIRA, Tania Maria. (org.) **História e imprensa:** representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: Faperj, 2006, p.365-384.

RUDIGER, Francisco. **Tendências do Jornalismo.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1998.

SOBRINHO, Danilo Angrimani. **Espreme que sai sangue:** um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

Abstract: Our work analyzes the profile of the directions of the *Diário Popular* newspaper during the 1920s. The *Diário Popular* of Pelotas was founded in the last decade of the nineteenth century, being purchased by the Partido Republicano Rio-grandense (PRR) and made the official organ of the government until the 1930s. In this period, the press of the state gone through some stages of development to reach the model as we traditionally identified it. Between the 1910s and 1920s, the press was an extension of the party and was seen as the party itself - a means of ideological spreading which produced raw opinionated about public issues. The switch to a new profile, which departs from partisan politics and journalism tends to commercial, informative nature, begins to be perceived only after the early 1930s and, in Pelotas, a little later than the rest of the state. The *Diário Popular*, in this sense, was no exception. Between 1923 and 1929, was a spokesman for the PRR and great defender of republican ideas, collaborating on the Vargas campaign to Presidency of State and later in the Revolução de 30. The new profile will only be realized after 1930, when it became more ideologically independent, turning their attention to the events around the world and leaving aside the purely regional issues.

Palavras-chave: Contemporary History, Press History, *Diário Popular* of Pelotas
